

11º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM

NOSSO CORPO SOB OLHAR MICROSCÓPICO

Bruno Ribeiro Gomes¹

Éder Paulo Belato Alves (coordenador)²

A educação científica deve proporcionar conhecimentos e desenvolver capacidades e atitudes indispensáveis à vida diária dos cidadãos, desde a criança no primário até o idoso experiente. Qualquer pessoa necessita de conhecimentos científicos básicos, por exemplo: eletricidade, anatomia e fisiologia humana, saúde e doença, microbiologia, fotossíntese, entre diversos temas que permitam uma experiência informada e inteligente com a natureza, assim como a utilização dos artefatos e processos tecnológicos com que se depara no dia-a-dia. Outra consequência deste tipo de educação é o desenvolvimento de capacidades intelectuais e atitudes indispensáveis à resolução de problemas quotidianos como analisar e interpretar dados, prever e formular hipóteses. A prática da ciência provê um modo de interagir com o mundo, expondo a essência criativa da natureza. Disso, aprende-se que a natureza é transformação, que a vida e a morte são parte de uma cadeia de criação e destruição perpetuada por todo o cosmo, dos átomos às estrelas e à vida. A existência humana é parte desta transformação constante da matéria, onde todo elo é igualmente importante, do que é criado ao que é destruído. O estudo do desenvolvimento embrionário é de suma importância para o entendimento de como funciona a formação de um novo ser humano, por exemplo, as transformações que ocorrem após a união do espermatozoide com o ovócito formando o zigoto são diversas e complexas, pois esta nova célula se divide inúmeras vezes para formar um organismo multicelular. Somente com o desenvolvimento paralelo de ambas, ciência e tecnologia, uma se amparando e complementando com a outra, conseguimos atingir os mais altos patamares do conhecimento, e as perspectivas oferecidas pelas novas conquistas, experiências e trabalhos, permite-nos antever progressos ainda mais significativos para toda a espécie humana. Tem sido observada nas últimas décadas uma expansão significativa de ações relacionadas à divulgação científica no Brasil. Mas o quadro se mostra ainda frágil e limitado com amplas parcelas da população brasileira sem acesso à educação científica. Como um reflexo da desigualdade na distribuição da riqueza, dos recursos em ciências e tecnologia e dos bens educacionais, os museus de ciência estão fortemente concentrados em poucas áreas do país. Apesar do crescimento expressivo dos últimos anos, um número muito pequeno de brasileiros, cerca de 1% da população, visita algum centro ou museu de ciências a cada ano. Para fins comparativos, a visitação a museus em alguns países europeus chega a atingir 25% da população. No caso do MUDI (Museu Dinâmico Interdisciplinar da UEM) no primeiro semestre recebeu 5461 visitantes de todas as idades. No laboratório em que toda essa informação científica é oferecida à população utiliza-se microscópios com lâminas prontas de ratos e galinhas, painéis, maquetes e peças anatômicas

¹ Graduando do 2º ano de Bioquímica, DBQ – Universidade Estadual de Maringá, Bolsista de extensão. Monitor do Museu Dinâmico Interdisciplinar – MUDI

² Professor do Departamento de Ciências Morfológicas da Universidade Estadual de Maringá.



para o bom entendimento de todos os curiosos que visitam o museu na UEM. Tal projeto também realiza palestras e cursos teórico-práticos para alunos e professores do ensino fundamental e médio.

Palavras-chave: Educação científica. Desenvolvimento humano. Museu.

Área temática: Educação.

Coordenador do projeto: Éder Paulo Belato Alves, e-mail: ederpaulo.uem@gmail.com, Museu Dinâmico Interdisciplinar – MUDI, Universidade Estadual de Maringá – UEM.